

ÓPERAS EM CENA NA UFRJ: O CONTRATO DE CASAMENTO, DIDO E ENEIAS, DON GIOVANNI E O EMPRESÁRIO

Harlei Elbert

Desde a década de 1980 a produção operística na UFRJ encontra-se em plena expansão. Ao passarem a receber incentivo do projeto “Ópera na UFRJ” – idealizado nos anos 1990 –, com aporte financeiro de diversas estruturas administrativas, as encenações dramático-musicais ganharam maior espaço na comunidade acadêmica, reafirmando o significativo papel da Universidade perante a sociedade brasileira. A Direção da Escola de Música, na gestão 2003-2007, empenhou-se em produzir quatro óperas de diferentes dimensões, abrangendo períodos distintos da história da música – barroco, clássico e romântico. Apresentadas em sua estrutura completa – música, dança, indumentária, cenário, iluminação e toda a sorte de efeitos visuais –, as óperas receberam destaque especial na programação anual, abrindo e encerrando as temporadas oficiais de atividades artísticas, bem como participando das festividades de aniversário da instituição. Coerentes com a atividade acadêmica, essas montagens foram tratadas não como meros espetáculos cênico-musicais dentro do universo de manifestações que este gênero dramático alcança. Considerou-se, pois, a encenação operística com as devidas especificidades que o assunto impõe, sendo um dos objetivos principais do projeto o desenvolvimento articulado das pesquisas realizadas por docentes, discentes e bolsistas, visando à integração pesquisa/produção artística.

A primeira das quatro óperas encenadas foi *O Contrato de Casamento*, de Rossini (1792-1868), do início do século XIX. Em seguida produziu-se *Dido e Eneias*, de Purcell (1659-1695), do final do século XVII. Posteriormente foram feitas as montagens de *Don Giovanni* e *O Empresário*, ambas de Mozart (1756-1791), compostas em fins do século XVIII.

O Contrato de Casamento (1810), farsa cômica em um ato – dezesseis cenas –, tem libreto de Gaetano Rossi baseado na comédia de Camilo Federici, sendo a primeira de uma série de quase quarenta óperas compostas por Rossini. A partir da iniciativa de alunos, a montagem dessa ópera foi empreendida pela Direção da Escola de Música com o apoio de outras unidades acadêmicas da UFRJ, evidenciando que o trabalho em conjunto faz concretizar os mais caros ideais. Construindo novas e

importantes pontes disciplinares, essa produção reuniu docentes, discentes e técnicos-administrativos da Escola de Música, da Escola de Belas Artes e da Escola de Educação Física e Desportos. Essencial foi a participação da Companhia Experimental de Ópera – grupo composto em sua maioria por alunos e ex-alunos de canto da Escola de Música. A direção musical e regência ficaram a cargo do então aluno Wendell Kettle, sendo a direção cênica de responsabilidade do professor Luiz Osvaldo Cunha. A montagem dessa ópera requer seis cantores, três atores, um único cenário, cravo e orquestra, tendo a sua última encenação sido realizada em 1972, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Visando a formação profissional e o aperfeiçoamento operístico dos discentes do curso de canto, o elenco foi formado pelos barítonos Ciro D’Araújo como Tobia Mill e Murilo Neves como Slook, pelos sopranos Lívia Dias como Fanny e Mona Vilaro como Clarina, pelo tenor Ivan Jorgensen como Edoardo Milfort e pelo baixo Jorge Mathias como Norton. Cleber Salgado, Gil Borges e Renan Melo atuaram como servos de Tobia Mill. O baixo contínuo, assim como a direção dos recitativos, ficou a cargo de João Rival, tendo os pianistas Ednaldo Borba e Rafael Simonaci atuados como correpetidores. A equipe de cenografia, figurino e maquiagem foi formada por alunos da Escola de Belas Artes, com coordenação do professor Samuel Sampaio Abrantes, e a orquestra constituída basicamente por alunos da Escola de Música. As quatro récitas realizadas no Salão Leopoldo Miguez, nos dias 1, 2, 3 e 5 de abril, abriram a Temporada Lírica de 2005. O sucesso obtido por estas apresentações resultou em convites para a remontagem do espetáculo naquele mesmo ano: em 16 de junho no Auditório Horta Barbosa do Centro de Tecnologia da UFRJ e nos dias 17, 18 e 19 de junho no Teatro da UFF, em Niterói. No caso da remontagem no Centro de Tecnologia, é importante destacar ter sido esta a primeira ópera apresentada na Cidade Universitária de forma completa, compreendendo orquestra, cenário, figurino e iluminação.

A segunda ópera montada, *Dido e Eneias* (1689), em três atos – com duas cenas no segundo ato –, é um ícone do repertório operístico, bem como da música barroca inglesa. Única ópera composta por Purcell, tem libreto de Nahum Tate, baseado no Canto IV da *Eneida*, de Virgílio. Esse espetáculo fez parte das comemorações do aniversário de 157 anos da Escola de Música, tendo sido realizado nos dias 12, 13, 14 e 16 de agosto de 2005 no Salão Leopoldo Miguez. A maioria dos cantores atuantes estava fazendo a sua estreia em ópera, já que se optou por utilizar dois elencos. Apesar dessa ópera ter duração inferior a uma hora, sua estrutura de montagem é bastante complexa, uma vez que requer orquestra, coro e balé. A equipe reunida totalizou cerca de noventa alunos de diversas unidades da UFRJ – Música, Belas Artes, Comunicação e Educação Física. Novamente, a direção musical e regência ficaram a cargo de Wendell Kettle, com direção cênica do pro-

fessor Luiz Osvaldo Cunha e participação da Companhia Experimental de Ópera. No elenco, atuaram os sopranos Mona Vilaro e Mônica Acatauassú no papel de Dido, o barítono Leandro da Costa como Eneias, os sopranos Érika Muniz e Willa Soanne como Belinda, os sopranos Priscila Duarte e Jovelina Nóbrega como segunda dama, os mezzo-sopranos Elizabete Pelliccione e Rejane Ruas como feiticeira, os sopranos Júlia Selles e Lina Santoro como primeira bruxa, os sopranos Cecília Einsfeld e Ingrid Lyrio como segunda bruxa, o tenor Rafael Erbesdobler como marinheiro, o contratenor Luan Góes como espírito e o ator Cleber Salgado. O baixo contínuo ficou sob a responsabilidade de Clara Albuquerque e a orquestra foi constituída por alunos da Escola de Música. A coreografia e o corpo de baile ficaram a cargo dos bacharelados em Dança, sob a coordenação da professora Marina Martins da Escola de Educação Física.

A terceira produção foi *Don Giovanni* (1787), ópera em dois atos – seis cenas no primeiro ato e seis cenas seguidas de epílogo no segundo ato –, com libreto de Lorenzo da Ponte. A decisão de realizar oito récitas deste *dramma giocoso*, com três elencos – vinte e quatro cantores –, exigiu um extraordinário esforço de ampliação da capacidade de produção operística na UFRJ. O acerto dessa decisão ficou comprovado por esse espetáculo ter registrado a maior plateia no Rio de Janeiro de uma produção de natureza acadêmica. Um dos elencos, por ser composto por jovens iniciantes, ficou reconhecido como “elenco júnior”; já os outros dois, formados por cantores com maior experiência de palco, apresentaram uma versão inusitada da obra, onde todas as partes musicais compostas por Mozart para diferentes ocasiões foram interpretadas. Reunindo alunos da UFRJ, Uni-Rio, Conservatório Brasileiro de Música e cantores do Theatro Municipal, essa montagem contou com mais de quarenta vozes, entre solistas e coristas; no total, incluindo a parte técnica, mais de cem pessoas participaram do evento. Como *Don Giovanni*, apresentaram-se os barítonos Murilo Neves, Ciro D’Araújo e Breno Quindere; como Leporello, os barítonos Leonardo Lagreca e Daniel Presgrave e os baixos Jorge Mathias e Marcelo Inagoki; como Dona Anna, os sopranos Paloma Godoy, Anne Duque Estrada e Willa Soanne; como Dona Elvira, os sopranos Marina Considera, Luzia Rohr e Michele Nascimento; como Don Ottavio, os tenores Gilberto Chaves e Ivan Jorgensen; como Zerlina, os sopranos Chiara Santoro, Priscila Duarte e Júlia Selles; como Masetto, os barítonos Leandro da Costa, Rafael Capossi, Maurício de Faria e Rômulo Nicolai; como Comendador, os baixos Emídio Rossmann e Frederico de Oliveira. A direção musical, regência e baixo contínuo foram de Wendell Kettle e a direção e concepção teatral de Francisco Neves. A assistência de direção cênica ficou a cargo de Menelick de Carvalho e Ricardo Vieira, ambos, na época, bacharelados da UFRJ em Direção Teatral – na Escola de Comunicação – e em História – no Instituto de Filosofia e

Ciências Sociais –, respectivamente. Os cenários, figurinos, adereços e caracterização teatral ficaram a cargo dos alunos da Escola de Belas Artes e a coreografia e o balé sob a responsabilidade dos alunos de Dança da Escola de Educação Física. A orquestra foi formada por membros da Escola de Música – alunos, bolsistas de projeto de extensão e bolsistas de aperfeiçoamento da ORSEM. Contou-se com a participação da Companhia Experimental de Ópera, dos pianistas correpetidores Flávio Augusto e Zaida Valentim e das performances do bandolinista Rudá Brauns e do organista Eduardo Antonello. Os espetáculos foram realizados nos dias 19, 21, 22, 25, 26, 27 e 29 de novembro de 2005, no Salão Leopoldo Miguez, encerrando a Temporada Lírica de 2005 e prenunciando as comemorações dos 250 anos de nascimento de Mozart, que seriam celebrados mundialmente em 2006.

A quarta e última montagem, *O Empresário* (1785), ópera cômica em um ato – cinco cenas –, baseada no libreto de Johann Gottlieb Stephanie, foi apresentada no período de 16 a 19 de dezembro de 2006, no Teatro do Centro Cultural Justiça Federal. Destaque-se nesta produção a parceria entre a UFRJ – Escola de Música, Companhia Experimental de Ópera, Escola de Belas Artes, Faculdade de Letras –, o Centro Cultural Justiça Federal, a Uni-Rio e o Conservatório Brasileiro de Música. A direção musical e regência foram de Wendell Kettle e a direção cênica de Gustavo Klein. No elenco, estavam presentes o ator Tarik Puggina como Sr. Frank, os sopranos Danielle Gragazzi como Sra. Herz e Willa Soanne como Srta. Silberklang, o tenor Weber Duarte como Sr. Eiler e o barítono Daniel Presgrave como Buff. A pianista correpetidora foi Letícia Lima e a orquestra formada por alunos de música das instituições citadas, com assistência de Rafaela Lopes. Essa montagem encerrou a Temporada Lírica de 2006 e as comemorações no Brasil do nascimento de Mozart, possivelmente o compositor mais popular de todos os tempos.

A realização de todos esses eventos resultou de pesquisas em arquivos de instituições públicas e privadas, no Rio de Janeiro e em São Paulo, em que a produção se debruçou sobre partituras, libretos e documentos diversos que revelaram aspectos fundamentais para as montagens das obras. O apoio do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, cujo acervo foi disponibilizado, tornou-se imprescindível para uma melhor caracterização dos cenários e figurinos.

Numa análise final, pode-se dizer que os espetáculos marcaram a retomada de parte importante da memória cultural do país, procurando desvendar os mistérios e segredos do fascinante e sedutor mundo da ópera e sensibilizar os seus espectadores através da beleza e magia das apresentações, comprovando que um evento artístico desse porte pode ser consolidado pelo tripé em que se sustenta a Universidade Brasileira: ensino, pesquisa e extensão.

Recebido em 15.06.2011

Aceito em 31.08.2011